INSTITUTO SUPERIOR DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS RELIGIOSAS

“SÃO BOAVENTURA”

RAFAEL RODRIGUES RIBEIRO

PERSONALISMO E A RELAÇÃO ENTRE EXISTÊNCIA E A ESSÊNCIA DO HOMEM EM EMMANUEL MOUNIER.

SÃO PAULO

2017

RAFAEL RODRIGUES RIBEIRO

PERSONALISMO E A RELAÇÃO ENTRE EXISTÊNCIA E A ESSÊNCIA DO HOMEM EM EMMANUEL MOUNIER.

Trabalho de aproveitamento do curso de Filosofia, do Instituto de Ciências Religiosas e Filosofia "São Boaventura".

SÃO PAULO

2017

Este exemplar corresponde à redação final da monografia, apresentada ao curso de filosofia pelo aluno: Rafael Rodrigues Ribeiro, sob a orientação do Prof. Pe. Dr. Marcelo Antônio da Silva.

Prof. Pe. Dr. Marcelo Antônio da Silva.

Orientador

Rafael Rodrigues Ribeiro

Orientando

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me feito um chamado tão belo à vida religiosa e a partir deste chamamento dando-me a oportunidade de estudar filosofia. Agradeço ao meu pai e fundador Padre Gilberto Maria Defina, sjs (*in memorian)* por ter sido um homem extremamente religioso, dócil e sensível à Pessoa do Espírito Santo e às inspirações que o mesmo Espírito colocara em seu coração para a fundação desta obra de Louvor, a Dom Frei Fernando Antônio Figueiredo, OFM que permitiu nossa fundação em sua Diocese, sem ele nada disso teria acontecido.

Agradeço e dedico esse trabalho à minha família, aos meus pais Benedito e Manoela, a minha irmã Larissa e ao meu irmão Christian, que me apoiam em meu caminho vocacional e que me impulsionam neste caminhar de total entrega aos planos, e à vontade de Deus.

A minha família religiosa que nesses dois anos de estudos se fez presente no apoio em permanecer nos caminhos do Senhor Jesus Salvador, em meio as dificuldades, aos meus formadores que me apoiaram e exigiram uma dedicação especial ao estudo, e que demonstraram o empenho e o desejo de nosso pai e fundador em formar padres santos e sábios para a Igreja.

Ao Padre Marcelo Antônio que em todos os momentos me foi solicito, esclarecendo as dúvidas e dificuldades para a elaboração deste trabalho. Agradeço também a Emmanuel Mounier por tal brilhante inspiração, a filosofia personalista, filosofia essa na qual me identifico e admiro, buscando dar ao homem, à pessoa humana uma verdadeira dignidade.

"Quase se poderia dizer que só
existo na medida em que existo
para o outro e, no limite: ser é amar."
Emmanuel Mounier

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7
1. VIDA E OBRA DE EMMANUEL MOUNIER. 9
1.1. Vida de Emmanuel Mounier. 9
1.2. Obras de Emmanuel Mounier. 13
2. O QUE É PERSONALISMO E O VALOR DA PESSOA 15
2.1. Personalismo 15
2.2. O Caráter absoluto da Pessoa 17
2.2.1. Encarnação 18
2.2.2. Comunicação 19
2.2.3. Vocação 20
2.3. O homem como ser 21
3. A EXISTÊNCIA DA PESSOA HUMANA 24
3.1. O Existir 24
3.2. O sentido do existir 25
3.3. A pessoa humana em sua totalidade 25
4. CONCLUSÃO 27
5. BIBLIOGRAFIA 29

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa realizar uma introdução sobre a vida e o pensamento de Emmanuel Mounier, um dos principais pensadores da filosofia contemporânea personalista.

Tal corrente filosófica que procura busca dar sentido à existência humana a partir de sua filosofia, e que tem uma visão contraria ao pensamento individualista e do tratamento do homem como um objeto de estudo esvaziando assim aquilo que o homem é em seu fim último, imagem e semelhança de Deus.

Veremos ao longo da dissertação o conceito de pessoa, conceito esse que procura destruir a visão de pessoa como objeto, demonstrando tanto suas concepções interiores, quanto aquilo que dá sentido à existência humana no seu sentido mais íntimo. A partir desta concepção personalista, veremos também a necessidade que o homem tem em sair de si para a doação ao próximo para uma sociedade mais equitativa. Além da importância da dicotomia entre corpo e alma e, a partir daí, entender o que é a transcendentalidade humana, na concepção personalista.

Por se tratar de uma filosofia cristã vemos muitos princípios cristãos, mas principalmente o dar-se, o sair de si, por amor ao semelhante. Serão dissertadas questões que demonstram que o homem não é algo pronto, mas que está em constante construção, sendo assim, não pode ser visto como um amontoado de cera onde não se pode formular e depositar conceitos vagos ou superficiais, que não tragam o conteúdo necessário para a compreensão do homem enquanto pessoa.

No último capítulo veremos que a partir do reconhecimento do existir da pessoa humana (existente diante de mim) em sua presença, e em sua dignidade, o valor que ela tem, pelo simples fato de ser “Pessoa”, compreendendo sua dignidade em ser e em ter uma essência, e assim, compreendo-a em sua totalidade. Tudo isso para tentar demonstrar a relação entre a existência da pessoa humana e sua essência. O personalismo não é apenas uma exaltação da pessoa humana num egoísmo infinito, mas um olhar de caráter transcendente que eleva e dá um verdadeiro sentido à existência humana em um período pós-guerra e pós-crise de 1929, período em que esse pensamento foi construído.

As próximas páginas visam explicitar o pensamento de Mounier que tenta desmascarar a visão utilitarista da pessoa e sua vida social, buscando dar o verdadeiro caráter àquilo que de fato somos, um ser em constante construção.

1. VIDA E OBRA DE EMMANUEL MOUNIER.

Este capitulo visa demonstrar um pouco sobre a vida e obra Emmanuel Mounier e de acordo suas vivências como se construiu essa linha de pensamento filosófico.

1.1. Vida de Emmanuel Mounier.

Em primeiro de abril de 1905, em Grenoble, na França nasce em uma família modesta Emmanuel Mounier, onde vive até seus dezenove anos de idade com seus pais avós e sua irmã mais velha Madelaine Mounier (Cf. SEVERINO,1974, p.1).

Em 1942 o próprio Emmanuel Mounier afirmava ser uma criança feliz "Sempre me ficou da infância o contrário de um sentimento deprimente e uma espécie de exaltação à margem da vida" (MOUNIER, 1956, p. 433). De acordo com Severino, Emmanuel Mounier era precocemente maduro. Desde jovem foi capaz de perceber e viver sem perder o equilíbrio e a alegria da juventude. Observava a realidade nos relacionamentos quando afirma que encontrar pessoas, era o que esperava da vida... e bem sentia o que isto queria dizer – encontrar o sofrimento (Cf. SEVERINO, 1974, p.1).

Seus familiares percebendo algumas características em Mounier como a sensibilidade à meditação e sua maturidade fora do comum para sua idade e de extremo respeito para com eles, acabaram interferindo de maneira discreta os seus estudos guiando-o para caminhos com métodos mais práticos – a medicina. Mounier declarava-se amante às letras, mas por respeito aos seus familiares se inscreveu na faculdade de ciências. Deixando-se levar pelo apelo dos pais. Contudo não se contentava com as ciências, levando-o assim ao desespero e ao desgosto da vida e seu primeiro sofrimento moral. Onde afirma:

> Desespero até gosto de suicídio. Senti também eu, que ninguém sabe o que foi exatamente: nele tive a visão quotidiana do futuro desmoronado diante de mim, nele não me atinha mais à vida senão pela confiança que, na obscuridade, fazia em minha fé" (MOUNIER, 1956, p.417).

Em um retiro espiritual teve uma experiência, uma revelação onde descobriu sua verdadeira vocação. Com o apoio de toda sua família, teve uma real disposição em mudar de orientação, e foi então apresentado pelo pai a

Jacques Chevalier, que em Grenoble ensinava filosofia (Cf. SEVERINO, 1974, p.3).

Mounier visava os estudos filosóficos com o intuito de seguimento ao apostolado religioso, sob a direção de Chevalier se entregou inteiramente ao estudo da filosofia, pessoa essa pela qual ele detinha muito apreço e profunda amizade. Mounier afirma que esses três anos de estudos filosóficos, isto é, de 1924 à 1927, foram fecundos, mas muito lisos, não se estendendo à geografia do seu espírito (Cf. MOUNIER, 1956, p.418).

No período dos estudos em Grenoble, conheceu o mais tarde arcebispo de Cambrai, e na ocasião, vigário de Saint Laurent, bairro operário de Grenoble, visitando com ele bairros pobres da cidade e assim tendo o direto contato com a pobreza e miséria humana contidas nessas regiões.

Entre 1926 e 1927, Mounier lê Descartes preparando-se para a obtenção do diploma dos estudos superiores de filosofia, tendo como tema: O conflito do antropocentrismo e do teocentrismo na filosofia cartesiana (Cf. SEVERINO, 1974, p.3).

Com vinte e dois anos de idade e com seus estudos de filosofia feitos em Grenoble concluídos e por recomendação de Jacques Chevalier, conhece Pe. Pouget, pessoa responsável pelo aprofundamento religioso de Mounier. Logo em seguida se candidata ao concurso oficial para o magistério na Sorbonne, obteve então o segundo lugar. Recebe então uma bolsa de doutoramento de três anos, sob a influência de Henri Delacoix, onde dedicou-se ao tema da personalidade.

Passou então a ensinar filosofia na escola particular, primeiro no colégio de Santa Maria de Neuilly e depois no Liceu Saint-Omer. Período esse onde pode conviver com personalidades como Jacques Maritain, Gabriel Marcel, Jean Guitton e Berdjajev (Cf. REALE; ANTISERI, 1991, p.731).

Emmanuel deixa de lado sua tese, pois passa a se dedicar a um trabalho sobre Péguy com o auxílio de Marcel Péguye Georges Izard, publicada em 1931 com o título: La pensée de Charles Péguy, em uma coleção lançada por Jacques Maritain.

Como afirma o autor Severino, Mounier era muito influenciado em seus pensamentos filosóficos por Péguy, pois sua linha de pensamento convergia com as de Mounier em relação às preocupações diante a conjuntura do mundo em sua contemporaneidade. A redescoberta de Péguy com um maior amadurecimento diante de sua vocação leva Mounier a abandonar sua carreira universitária. (Cf. SEVERINO, 1974, p.4).

Com sua capacidade inata de meditação Mounier volta o seu olhar para horizontes mais amplos e vastos. Com uma ideia amadurecida reúne um grupo de amigos composto por: Georges Izard, Déléage, Jean Lacroix, Nicolas Berdiaeff, Denis de Rougemont, RénéBiot, e funda a revista Esprit lançada por ele em 1932, resvista essa que se torna um porta-voz de todo um pensamento espiritual que pensará em lançar. O Movimento esprit aparece como um movimento a reclamar um novo alento de vida sobre a civilização ocidental. Esse movimento teve grandes apoiadores, mas sobretudo o de Maritain. Em outubro 1932 é lançado o primeiro número de Esprit. Instalado o sistema de Vichy, sendo um resistente intelectual a esse governo, a revista é censurada, excitado por esses motivos ele faz uma reflexão mais apurada sobre o papel do catolicismo e sobre as eventualidades politicas como afirma GUISSARD (Cf. 1962, p.17).

De 1933 a 1939, Mounier vivia oscilando sua moradia entre Bruxelas e Paris, em Bruxelas lecionava no Liceu Francês, tendo fixado residência nesta cidade casa-se com Paulette Leclerq, em 1935, tendo encontrado em sua esposa uma pessoa na qual poderia partilhar plenamente de seus pensamentos tornou-se o próprio modelo da comunidade selada no amor. Deste matrimonio tiveram três filhas, sua filha mais velha foi vítima de uma encefália, onde aos 7 meses de idade, ficando totalmente inconsciente. Mounier dá a esse sofrimento um sentido totalmente cristão quando afirma em um escrito direcionado à sua esposa de acordo os autores Reale e Antiseri:

> Que sentido teria tudo isso se nossa menina não passasse de bolota de carne precipitada não se sabe onde, um fragmento de existência sem sentido, e não esta branca e pequena hóstia que nos supera a todos, uma imensidade de mistérios e amor que nos deixaria estupefatos se se mostrasse aos nossos olhos e se cada golpe mais duro não fosse uma nova elevação, que, a cada vez, quando o nosso coração começa a se habituar e adaptar ao golpe anterior, representa nova demanda de amor? (...) de manhã à noite, não pensamos nesse sofrimento como em algo que nos é retirado, mas sim como em algo que damos, para não ficarmos atrás deste pequeno Cristo que está

> entre nós, para não deixa-lo só a sofrer em Cristo (REALE; ANTISERI, 1991, p.732).

Mounier Viveu pobremente, mas viveu como um corajoso cristão debateu de frente com os comunistas a sua intelectualidade em relação a eles era clara quando declara os autores Reale e Antiseri:

> O meu evangelho, ademais, é o Evangelho dos pobres. Nunca estarei satisfeito com um só mal entendido com todos os que despertam a confiança dos pobres. Isso não é política, sei muito bem. Mas é um pressuposto de toda política e constitui uma razão suficiente para rejeitar certas formas políticas (Cf. REALE; ANTISERI, 1991, p.732).

Sendo um autêntico Cristão, nascido em ambiente cristão foi fiel a sua fé até a morte, sua fé altamente esclarecida servia-lhe de inspiração. É em sua vida religiosa que se vai encontrar a razão do caráter persuasivo de suas obras. Queria um cristianismo mais despojado para que esse pudesse se chegar aos outros, um cristianismo mais generoso, acolhedor e que não tivesse apenas que proteger e impor as coisas. Para ele não se podia misturar os conceitos de cristianismo e cristandade, pois para ele essa estava morta (Cf. SEVERINO, 1964, p.9)

Em setembro de 1939 com o eclodir da guerra, Mounier foi feito prisioneiro pelos alemães, sendo finalmente libertado em julho de 1940. Mas em 15 de janeiro de 1942 é preso como suposto membro do movimento “Combat” que Foi um movimento formado por franceses que não aceitavam a submissão do Estado Francês ao poder nazista, sendo provisoriamente libertado em 21 de fevereiro, em 29 de abril é submetido a um “internamento administrativo” contra essa medida faz com seus companheiros uma greve de fome de 12 dias sendo assim libertado, porém em 8 de julho ele é preso novamente até o julgamento do caso “combat”, do qual fora absolvido (Cf. SEVERINO, 1964, p.6-7).

Em 1949 a saúde de Mounier já se encontrava muito debilitada. Em setembro de 1949, sentira uma crise cardíaca, que foi alarmante, crise essa gerada pelo excesso de trabalho. Deste modo em 22 de março de 1950 morre devido a um colapso cardíaco (Cf. SEVERINO, 1964, p.7).

1.2. Obras de Emmanuel Mounier.

Em 1950 com quase quarenta e cinco anos, morre Emmanuel Mounier, porém deixou um vasto conteúdo sobre sua ideologia.

> Toda sua obra revela sua vida, e desde que se familiarize com ela, e se compare seus livros à sua correspondência e aos seus diários, fica-se surpreso ao se perceber que seu pensamento nada mais é senão a vontade de comunicar a própria existência pessoal. (SEVERINO, 1964, p.9).

De acordo com Severino: este homem calmo, modesto, bom, tornava-se intransigente, não cedia quando defendia a verdade. Às vezes, ao preço de preciosas amizades e de fecundas fidelidades (SEVERINO, 1964, p.10). Como descrito no texto acima foi um cristão autêntico fiel à Igreja quando afirma:

> Os colaboradores católicos de Esprit são filhos da Igreja, não querem ser nem meio católicos, nem neocatólicos. Recebem o depósito da fé na sua integridade e procuram possuí-lo sempre mais vivo e rigoroso. (MOUNIER, 1956, p.595).

Foi o fundador da revista "Esprit" lançada por ele em 1932, a qual nascia com o objetivo de denunciar a "desordem estabelecida" e propor um modo de enfrentá-la tendo assim sofrido grandes perseguições por parte da censura.

Todos esses pensamentos entre outros estão descritos nas entrelinhas de suas obras. Escreveu os "*Morceaux choisis de Montalembert"*, que foi publicado em 1945; em 1948*, "L'éveil de l'Afrique Noireesiècle"*. Escreveu também algumas obras de cunho idealista em relação a uma nova civilização como "*Révolution personaliste et communautaire"* de 1932. No ano de 1936, publicou o "*Manifeste au servisse du personnalisme"*; depois foi a vez de "*Dela propiété capitaliste à la propriété humaine",* que trata da propriedade em relação à ideologia capitalista. Datado de 1937 foi a vez de criticar o anarquismo em "*Anarchie et personnalisme"*. Para esclarecer que não há conflito entre Catolicismo e Personalismo escreveu vários artigos sobre esse tema, deste modo em 1939 surge o "*Personnalisme et Christianisme"*, no mesmo ano surge o livro "*Les Chrétiens devantle problème de lapaix"*, que na verdade era o prefácio de um trabalho maior, no caso, "*Pacifistes et bellicistes"*. Após o avanço dos alemães Mounier permanece meditando e escrevendo como o caso do "*L'affrontement Chrétien*". Logo após sua prisão com relação ao caso "combat" Mounier redigi grande parte do *Traitédu caractere*, pensando nas condições da pessoa humana escreve "*Le personnalisme"*, em 1949, com um cunho mais

antropológico. Em 1947 revendo filosoficamente todo o personalismo publica em "*Qu'est-ce que le personalisme?"* Deste modo tratando de uma maneira mais metafisica da pessoa e tratando de questões existencialistas escreve em 1946 "*Liberté sous conditions"* e "*Introduction aux existentialismes".* Antes de sua morte já havia preparado várias coleções de artigos, publicadas sob forma de colunas, artigos e estudos publicados. "*Les certitudes difficiles"* foram escritos que tratavam sobretudo de políticas, "*La petite peurdu XXème"* escreveu em 1949. "*Mounier et as génération"*, datado de 1954 foi um trabalho feito por sua esposa e amigos e tratam da personalidade do Mounier e de sua vivência pessoal (Cf. SEVERINO, 1964, p. 6-18).

Em suma toda a vida de Emmanuel Mounier foi norteada por um princípio de busca por um mundo melhor, onde a pessoa não seja vista como um objeto qualquer, sua filosofia inicia-se já em sua infância repleta de meditações, na juventude quando decide trocar suas orientações estudantis em busca daquilo que acreditava ser sua verdadeira vocação – a filosofia, e na sua vida adulta quando luta a favor de sua filosofia com a revista Esprit, levando tudo à máxima consequência sendo até preso por aquilo que acredita ser mais que um espiritualismo, doutrina ou uma ideologia, mas sim uma filosofia que busca compreender a sociedade como um todo e que coloca sentido na dignidade da pessoa humana – o personalismo. Sem sombras de duvidas Emmanuel Mounier foi um filosofo pensador que entendia e sabia onde queria chegar criando uma filosofia que percorreu todo o século XX e que continua a influenciar até os dias atuais, quando se trata de assuntos antropológicos, espirituais, políticos, econômicos e metafísicos que norteiam a pessoa humana.

2. O QUE É PERSONALISMO E O VALOR DA PESSOA

Neste capitulo abordaremos sobre a criação do pensamento personalista de Emmanuel Mounier e a problemática que essa teoria tenta combater, demonstraremos também a concepção de Pessoa que é dada no personalismo e suas características que dão o valor e a importância devida ao ser humano. Deste modo o descaracterizando como um objeto e vendo-o como algo de maior valor no cosmo onde está inserido.

2.1. Personalismo

Como vimos no capítulo anterior Mounier traz em sua filosofia muito de suas particularidades psíquicas, culturais, pessoais, antropológicas e contextos sociais vividos em seu cotidiano histórico. Homem de um espírito coerente não viveu desligado das angustias e dificuldades vividas por ele em sua vida e na de seus contemporâneos, incomodava lhe pensar que alguns pensadores filósofos se deparavam diante de problemas de modo tão objetivo como que se estivessem diante de uma peça de anatomia (Cf. SEVERINO, 1964, p.19). Faltava-lhes mais conhecimento sobre a miséria humana, mais sensibilidade e vivência do drama humano.

A filosofia personalista, sobretudo, a criada por Emmanuel Mounier foi no início dificilmente aceita, pois alguns pensadores e filósofos da época diziam faltar a essa teoria uma sistematização. Alguns pensadores preferem dar a Mounier o título de pensador, pois ele afirma que nele não havia um rigor de crer que havia resolvido todas as questões com golpes de fórmulas (Cf. SEVERINO, 1964, p.21). Outros filósofos não o aceitam, pois dizem que faltava-lhe precisão e definições dogmáticas.

Embora no personalismo o sistema e a técnica originariamente não se fazem presentes, ele traz em si as próprias exigências do filósofo como afirma Severino:

> A preocupação de delimitar os conceitos, de imprimir fórmulas, de forjar método de análise reflexiva sobre a sociedade em que estava inserido, a firma vontade de fundar e instaurar uma doutrina, isto é, um pensamento metafisico orientado, que é simultaneamente rigoroso em seu desenvolvimento próprio, flexível para responder a todos os apelos do século e da realidade e aberto para inspirar os espíritos mais diversos (SEVERINO, 1964, p.20).

O personalismo é uma filosofia que não foge a uma sistematização do pensamento, que necessita de ordem lógica e unificantes, o personalismo está sempre a ser repensado e retomado, pois, trata da existência de pessoas livres e criadoras. Deste modo, acaba lançando em suas estruturas uma imprevisibilidade que afasta qualquer desejo de sistematização definitiva (Cf. MOUNIER, 2004, p.14).

Está intrinsicamente ligado ao personalismo a importância da pessoa num todo, e não como algo único/individual, mas essa importância é dada em meio ao conjunto da humanidade e não como uma idealização e a "adoração" do homem. O personalismo confronta o individualismo. Cabe definir que o personalismo é a filosofia que sustenta o valor do homem, descaracterizando toda e qualquer ideia de utilização do homem como objeto destruindo assim o seu valor, a sua unidade. O personalismo trata do homem como uma realidade única que conhecemos de dentro, homem esse que está situado dentro de uma comunidade, sociedade natural, nunca de maneira isolada. Homem que detêm corpo e alma, subjetividade, inviolabilidade, liberdade, criatividade e que está inserido em um sistema de relacionamento com o outro.

Uma das características do Personalismo é confrontar o individualismo, diante da máquina burocrática ou de uma ideologia partidária o personalismo não pode enquadrar-se como apenas uma ideologia, por isso MOUNIER afirma no "*Traité de caractere"* – Não quisemos apenas, em nossa pesquisa tratar do homem, mas combater pelo homem (Cf. MOUNIER, 1946, p.7), estando o homem inserido em sociedade em constantes crises políticas, econômicas, morais, religiosas as guerras que o homem vivenciou presentes na história da humanidade, o homem acabou esquecendo de relacionar-se suprimindo toda a possibilidade de contato. Na obra "O Personalismo" Mounier trata sobre isso quando diz:

> (...) querem fazer das pessoas objetos manejáveis e utilizáveis, quer, sejam, para o filantropo, os pobres, quer para o político, os eleitores; quer para este, os filhos, para aquele, os operários; o egocentrismo perde-se em altruístas ilusões. A mais ligeira presença (do amor) parece, por vezes segregar um veneno mortal nas relações do homem a homem (Cf. MOUNIER, 2004, p.44).

O individualismo centra o indivíduo em si mesmo o personalismo pelo contrário descentra-o e coloca a pessoa nas novas perspectivas abertas por ela

mesma. Sendo assim o personalismo é uma filosofia, não é somente uma atitude. O Personalismo é uma filosofia, é um sistema que envolve uma postura detalhada do homem como um todo, sua importância na coletividade e rebate toda objetivação do mesmo. Essa filosofia confronta o individualismo, afirmando que o homem existe apenas se estiver aberto ao outro, isto é, à coletividade.

2.2. O Caráter absoluto da Pessoa

O personalismo é uma filosofia da pessoa que dá valor aquilo que ela é desvinculando-a de qualquer objetivação ou uma visão utilitarista da mesma. O próprio Mounier afirma que conceituar a pessoa é impossível, pois fazendo isso estaria indo contra sua própria teoria tratando-a (a pessoa) como objeto, pois este sim pode ser descrito rigorosamente, a pessoa não (Cf. MOUNIER, 1976, p.138). O homem é de um modo especial, pois é pessoal.

O homem não se entrega como objeto intelectual como acontece com os objetos do conhecimento cientifico e filosófico. Mounier afirma que a sistematização intelectual elaborada pela ciência ou pela filosofia, esvazia a presença real da pessoa (Cf. SEVERINO, 1964, p.36).

Na teoria Mounieriana o homem é único, antes de tudo a pessoa não é um objeto, no homem só podem ser definidos os seus acidentes, aquilo que perpassa pelos sentidos, os objetos exteriores do homem, mas a pessoa não é um objeto como dito acima, a pessoa é exatamente aquilo que no homem não é tratado como objeto. Mounier afirma na obra “O Personalismo” que a pessoa é a única realidade no mundo que conhecemos e que, simultaneamente, construímos de dentro (Cf. MOUNIER, 2004, p.15).

Sabemos que Mounier sofre influências cristãs em sua filosofia, que está embasada em todo o seu histórico de vida. Deste modo o “conceito” de “pessoa” estruturado dentro do personalismo sofre as mesmas influências cristãs e quebra todas as concepções daquilo que é o homem nas filosofias clássicas. Cada pessoa é criada à imagem de Deus, cada pessoa é chamada para formar um imenso corpo místico e na Caridade de Cristo (Cf. MOUNIER, 2004, p.20). Nessa influência cristã vemos na constituição da pessoa a abertura à relação com o próximo, a pessoa traz consigo antropologicamente a ideia de um Ser Supremo, no qual, intimamente dialogam pessoas diferentes (Trindade), de um Ser que

deste modo nega automaticamente a solidão, negando assim o individualismo. Em suma, vemos que o homem não é um objeto que se separa e se observa, mas que dentro de si há uma reorientação de seu valor, uma verdade que só existe quando em união com todos os outros.

Como vimos em nossa pesquisa, Mounier não se limita apenas em conceituar aquilo que é a pessoa dentro de uma filosofia que leva o nome de personalismo tendo a pessoa como abordagem filosófica. Ele também trata de questões que diz que o homem é feito à imagem de Deus, e a partir desta imagem que em uma participação, uma relação cada vez mais ampla e próxima de Deus traz ao homem uma transcendência à qual ele denomina Encarnação, Comunicação e Vocação. Trataremos destes temas a seguir.

2.2.1. Encarnação

De acordo com Severino, a teoria de Mounier afirma que o homem é constituído de dois aspectos justapostos, porém, independentes: o material e o espiritual (Cf. SEVERINO, 1964, p.46). Ele ainda afirma que muitas vezes olhando para a história da filosofia muitas teorias fracassaram pelo fato de apenas darem valor para um aspecto, ora o material, ora o espiritual, também conhecido como dualismo. Mas para que se compreenda e veja a pessoa de maneira mais completa, faz-se necessário abordar a pessoa sobre o prisma destes dois aspectos unindo-os. O homem é um corpo da mesma maneira que é espírito; inteiramente corpo e inteiramente espírito. (MOUNIER, 1949, p. 441), neste ponto, unindo corpo e alma; matéria e espírito se dá a encarnação do homem, o transcender. E Mounier continua e debate diante da teoria platônica dizendo que o espírito do homem não é algo decaído ou que está preso aqui na natureza, a encarnação não é uma queda. O espírito do homem é a sua elevação e o desconhecimento da matéria humana é a primeira forma de desconhecimento do homem. A matéria, o natural no qual o homem está encarnado constitui a base de toda e qualquer ação de elevação do homem. Deste modo a elevação do homem se dá em sua corporeidade, ou seja, na sua existência, na sua realidade. Portanto, o corpo não é algo mal e nem algo que seja indiferente à pessoa, é sim uma condição essencial para a vida pessoal. O dualismo (Corpo/alma), ou o monismo (consideração de apenas um aspecto), rebaixa a grandeza do homem em sua essência. Levando em consideração que

a filosofia Mounieriana está na relação da pessoa com a outra, e como essa transcendência se dá na natureza humana abre-se margem para abordarmos sobre outro tema que está intrinsicamente ligado ao caráter absoluto da pessoa, a comunicação.

2.2.2. Comunicação

Conforme abordado neste trabalho, a constituição de pessoa se dá na relação da mesma com a outra pessoa, ou seja, com a natureza em que a mesma está inserida, combatendo assim o individualismo, que é uma função do personalismo, então é natural que o conceito de pessoa, nesta filosofia, a abra à comunicação, à relação. Deste modo centrar o indivíduo sobre si mesmo, é a primeira preocupação do individualismo, e a primeira do personalismo é descentrá-la para colocá-la em largas escalas abertas por ela própria, afirma Mounier (Cf. MOUNIER, 2004, p.45).

A pessoa sempre estará em uma comunidade, sociedade natural, onde ela é inserida a partir de seu nascimento, mas nem sempre ela optará em/por relacionar-se, lembrando que sua liberdade é respeitada em todas as suas ações. A comunicação é de suma importância nesta filosofia, pois, ela que gerará a mudança social e moral que essa linha de pensamento quer realizar na sociedade como um todo. Mounier cita cinco pontos na obra do “Personalismo” que fará com que a comunicação do homem seja eficaz e que respeite a liberdade e o valor de cada pessoa, tornando assim a comunidade mais justa e realizando uma comunicação eficaz:

> 1º - Sair de nós próprios. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponíveis aos outros.
>
> 2º - Compreender. Deixar de me colocar sempre no meu próprio ponto de vista, para me situar no ponto de vista dos outros. Não me procurar numa pessoa escolhida igual a mim, não conhecer os outros apenas com um conhecimento geral, mas captar com a minha singularidade a sua singularidade, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento.
>
> 3º - Tomar sobre nós, assumir o destino, os desgostos, as alegrias, as tarefas dos outros, “sofrer na nossa própria carne”.
>
> 4º - Dar. A força viva do ímpeto pessoal não está, nem na reivindicação (individualismo pequeno-burguês), nem na luta de morte (existencialismo), mas na generosidade e no ato gratuito, ou seja, numa palavra, na dádiva sem medida e sem esperança de

> recompensa. A generosidade dissolve a opacidade e anula a solidão da pessoa.
>
> 5º - Ser fiel. A aventura da pessoa é uma aventura constante desde o nascimento à morte. As dedicações pessoais, amor, amizade, só podem ser perfeitas na continuidade. A fidelidade pessoal é uma fidelidade criadora. (Cf. MOUNIER, 2004, p.47-48).

Vemos aqui claramente que sua teoria perpassa por uma forte influência Cristã e demonstra que sua filosofia é mais que uma ideologia, mas sim, de fato, uma atitude de mudança social e moral. E o autor ainda trabalha e reafirma que esta dialética das relações pessoais, isto é, a comunicação de uma pessoa com a outra, aumenta e confirma o ser em nós, aqui, o ser em comunidade. Quando trato o outro como objeto estou tratando a mim mesmo, permitindo com que me objetivem, não dando valor àquilo que ele é, ou seja, uma pessoa dotada de subjetividade, de amor, de felicidade e de grandes potencialidades, e que sobretudo é semelhante a mim mesmo e que não se esgota. Tratando a pessoa como sujeito, como ser presente, é reconhecer que não o posso definir, nem classificar, que ele é inesgotável, pleno de esperanças, de que só ele dispõe (cf. MOUNIER, 2004, p.48). Vendo a importância do Ser presente no homem em sua encarnação no mundo material, e a importância e as mudanças que a comunicação eficaz, personalista pode ocasionar na comunidade e na sociedade na qual o mesmo está inserido, cabe agora tratarmos sobre a vocação da pessoa.

2.2.3. Vocação

Para o cristão vocação é o chamamento de Deus a uma condição de vida, o chamado a uma descoberta que mudará sua vida e a vida de muitos, e no personalismo de Emmanuel Mounier não poderia ser diferente. O homem nesta teoria é singular e único, mas não uma singularidade morta, como afirma o autor: Essa unidade não é a morta identidade do rochedo que não nasce, não se move, não envelhece. (Cf. MOUNIER, 2004, p.64).

A pessoa com toda a sua subjetividade, interioridade, nos abismos de seu inconsciente, no seu subconsciente, e na sua liberdade, muitas vozes interiores vão aparecendo e o silêncio interior necessário para se escutar e compreender o seu chamado não se apresenta, pelo contrário de dispersa.

> É preciso descobrir dentro de nós, sob o amontoado das dispersões, o próprio desejo de procurar essa unidade viva, de longamente escutar as sugestões que ela nos murmura, de a experimentar no esforço e na

> penumbra sem nunca estarmos absolutamente seguros de a possuir (MOUNIER, 2004, p.64).

Mas é claro que essa vocação não tem a ver com um chamado, para se decidir a vida profissional, ou muito menos seguir apenas as aptidões pessoais de cada um. Obviamente essas características, fazem parte de uma vocação especifica, mas se pensarmos apenas nisso esgotaríamos o sentido de vocação nesta filosofia. Vocação, neste ponto, quase que se confunde com a unidade e a singularidade da pessoa, ou seja, são duas linhas paralelas que não se encontram, porém, se assemelham, a vocação e a singularidade, do mesmo modo em que uma pessoa é única no universo, na natureza em que está inserida, sua vocação também o é. Mounier afirma que toda pessoa tem uma significação tal, que o lugar que ocupa no universo não pode ser preenchido por outra qualquer (Cf. MOUNIER, 2004, p.64).

Obviamente, vemos que é a vocação, esse chamamento pessoal e único de cada pessoa no universo que não pode ser objetivado, pois, em meio a sua comunidade a pessoa tem sua função particular e única, que não pode ser realizada por outra. Uma vez que a pessoa decifra sua vocação, podemos dizer que ela é propriamente realizada, pois foi destinada à isso ou àquilo, respondendo ao chamado que lhe é feito por uma Pessoa (Deus), automaticamente a realização pessoal, o sucesso e suas aptidões particulares são satisfeitas, ou seja, correspondendo àquilo que ele foi chamado, sendo assim a realização pessoal se dá à medida que o homem no meio em que está inserido responde a esse chamado que lhe satisfaz por inteiro. Chamado que nunca será descoberto plenamente. Mas à medida que vai se dando passos, vai se chegando à essa realização, sempre respeitando sua liberdade pessoal. Em sua liberdade a pessoa pode não corresponder àquilo à qual foi chamada a realizar em meio a sua comunidade, deste modo deixando-a incompleta, desestabilizada, e colaborando assim para que o caos social se instale.

2.3. O homem como ser

Estudamos nessa pesquisa as três principais dimensões, e estruturas da pessoa humana que são para Mounier: a Vocação, a Comunicação e a Encarnação, para ele são essas dimensões que dão ao homem a característica de ser, um ser único, um ser integral, para se compreender essas características

que dão ao homem a característica de ser, faz-se necessário que o mesmo faça três exercícios: a meditação em busca de sua vocação, o engajamento que é o reconhecimento de sua encarnação e por fim o despojamento (comunicação) a iniciação do dom de si à vida dos outros (Cf. MOUNIER, 1966, p.44)

Sendo assim, discutiremos essas três dimensões do homem. Para se ter uma visão coerente do mesmo como ser, temos que ter um olhar do homem como um ser único, integral, dotado de corpo e espírito, temos que vê-lo como um todo e não levar em consideração apenas algumas de suas dimensões, mas as três, para compreender que são elas que constituem a pessoa como ser.

A vida pessoal, não inicia propriamente no seu nascimento, mas sim quando ela começa a corresponder ao seu chamado único e particular, deste modo cabe ao homem fazer um movimento de interiorização e exteriorização (MOUNIER, 2004, p.65), olhando para dentro de si, em um ato de meditação para corresponder à sua vocação, mas não parando em si próprio. Correspondendo à sua vocação ele está se exteriorizando, cumprindo o seu dever e, se engajando nele, dá-se o início ao processo de comunicação de uma pessoa para com a outra, dentro da sociedade na qual ela está inserida. Na teoria Mounieriana, a pessoa se revela na ação, através de uma experiência decisiva, proposta à sua liberdade, na sua decisão entre o bem e o mal (Cf. MOUNIER, 1971, p.170). Sendo assim assumindo sua vocação o homem se comunica.

Vemos que essas dimensões estão intrinsicamente ligadas, pois à medida que a pessoa se interioriza e medita sobre sua vocação e a descobre, ela passa a alimentar a exterioridade saindo de si e passa a corresponder àquilo que foi chamada e se doa ao meio social que está inserida e se comunica, saindo de si própria, doando-se ao outro. Ou seja, a pessoa não é apenas um ser que vive, mas um ser que sai de si mesmo, para se comunicar com o outro e com o universo que a circunda. Deste modo, se doando ao outro, a pessoa encontra sua realização pessoal, dando o sentido necessário à sua encarnação. A pessoa é constituída de corpo e espírito um ser dialético, como já descrito nesta pesquisa, um espírito que tem origem em Deus o Ser supremo e Criador de tudo o que existe na natureza. E seu destino também está em Deus, pelo fato de ser uma criatura criada por Deus. A pessoa, portanto, nesta filosofia cristã,

transcende a natureza que está encarnada, e essa transcendentalidade do homem sobre a natureza vem de sua capacidade distintiva de só ele conhecê-la e transformá-la, vem de sua exclusiva capacidade de amor, de liberdade, capacidade de superar o rígido determinismo que regula a natureza (Cf. SEVERINO, 1974, p.54). Deste modo, essas três dimensões, a vocação, a comunicação e a encarnação, quando trabalhadas nos exercícios propostos por Mounier a meditação, o engajamento e o despojamento respectivamente, a pessoa encontra o sentido de sua encarnação e, neste sentido, se dá a concepção de pessoa como ser que transcende e existe. Assunto que será debatido no capítulo posterior de maneira mais completa.

3. A EXISTÊNCIA DA PESSOA HUMANA

Veremos neste capítulo o que é existir para a teoria Mounieriana e onde se encontra o seu sentido. Por fim abordaremos de forma breve a visão que esta teoria tem sobre a totalidade da pessoa humana.

3.1. O Existir

A existência humana no personalismo é o ponto alto que dá sentido à toda essa filosofia, que busca em sentido único e especial dar à pessoa humana, no cosmo no qual está inserida, o valor devido à sua existência e não permitindo, de maneira alguma, que a mesma seja utilizada como instrumento. Como Afirma Severino: o existir humano é mais denso do que desenvolver uma determinada essencialidade; é submeter-se à contingência, à facticidade, à interação com o outro e com o mundo, num esforço contínuo de personalização (Cf. SEVERINO, 1983, p. 14).

Essa existência só recebe seu determinado valor quando a pessoa em sua comunidade, exerce sua função primordial que o caracteriza como tal. A existência humana é uma dialética, o ser humano é uma relação. Nada no ser humano é um puro determinismo é uma dialética entre a natureza inserida e a transcendência humana (Cf. MOUNIER, 1949, p. 468).

É da essência humana o projetar-se, o sair-se de si em prol do outro em um sentido positivo, (em um sentido negativo, sairia de si para a utilização do outro). Na natureza no qual está inserida a pessoa humana, saindo de si, ele está saindo para si, pois vendo as necessidades no meio em qual está inserido e auxiliando para supri-las estará suprindo suas próprias necessidades, longe de um egocentrismo exacerbado, somente o homem como diz Severino é capaz de conhecer, de transformar, de amar, de ser livre, de usar do determinismo natural como instrumento de superação. Só ele é capaz de ação construtiva, e nessa ação, auxiliar para que o mundo no qual ele está inserido se transforme e saia da desordem estabelecida (Cf. SEVERINO, 1983, p. 14).

3.2. O sentido do existir

Na seção anterior vemos que o existir humano se dá no meio em que ele está inserido, saindo de si em prol de um bem social.

Está nas mãos da pessoa a criação de novos valores para uma sociedade mais justa, cabe ao homem a criação de valores e evitar a objetivação de si, longe de uma busca individual e egocêntrica, mas tendo em si a consciência de sua essência, e buscando realizar movimentos para o outro adquirirá para si o bem-estar comunitário. Em suma o existir da pessoa humana só tem um sentido e um movimento único, o sair de si em prol do outro, como afirma Mounier quando diz que a pessoa em sua concepção, só existe na medida em que existe para o outro. Toda e qualquer pessoa é, desde suas origens movimento para os outros (MOUNIER, 2004, p. 45). Sendo assim o sentido humano está em realizar estritamente e unicamente o bem e para o outro e sucessivamente para si, visando em fim ultimo o Bem para a sociedade no qual está instalado, levando em consideração a sua materialidade e transcendência, a exclusividade e a univocidade que a pessoa humana tem no mundo.

3.3. A pessoa humana em sua totalidade

A totalidade da pessoa humana se dá na sua concepção, na sua existência, na sua não conceitualização, (pois a mesma objetiva o ser humano) e nas suas dimensões (encarnação, comunicação e vocação). Vemos que a vida espiritual, ou melhor o equilíbrio entre a matéria e o espírito levam a pessoa a uma transcendentalidade que a faz sair de si para uma comunicação com o mundo no qual ela está inserida e com o seu semelhante. Cumprindo o seu papel dentro da sociedade a pessoa em sua univocidade, e assumindo suas responsabilidades particulares que não podem ser assumidas por outrem, ela não desestabilizará o meio social no qual ela está inserida.

Na filosofia personalista de Mounier fica fácil perceber a importância da vida espiritual, pois é ela que gerará forças para mudarem os pilares do individualismo, principal corrente a ser combatida a partir desta filosofia. A vida espiritual gera na pessoa a interiorização necessária para o sair de si para o outro, é a interiorização que gera a exteriorização. Não podemos desvincular dentro da vida espiritual desta filosofia a corporeidade, pois é onde se encarna

o espirito que leva e dá à pessoa a transcendentalidade. A pessoa humana não pode ser definida rigidamente, em apenas um conceito, para Severino se conhece o homem vivendo, pois entra em jogo a experiência existencial do homem com um todo (Cf. SEVERINO, 1983, p. 36). O homem antes de ser conhecido como um simples conceito faz-se necessário que ele exista, pois a totalidade do homem se dá em sua existência. A filosofia racionalista enxerga tudo como um ente cognoscível pela razão e descaracteriza a maior importância do homem, a sua dignidade, os seus valores intrínsecos, a sua transcendentalidade. E a sua espiritualidade, o enxerga como um conceito qualquer objetivando-o, como afirma Severino: Mounier deseja, que o conhecimento da pessoa humana não seja apenas resultado de uma racionalidade objetivante, mas que seja fundamentalmente uma expressão do humano, do vivido, das emoções, enfim da vida (Cf. SEVERINO, 1983, p.36). Para o personalismo a pessoa não pode ser vista como objeto, antes de tudo por se tratar de uma filosofia cristã, a pessoa humana em sua totalidade é a imagem e semelhança de Deus, portanto deve ser respeitada em sua complexidade e em sua subjetividade. Totalidade do homem se dá em sua transcendência e seu sentido está no sair de si para o bem da comunidade na qual a mesma está inserida.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho foi abordado uma interpretação da relação entre a existência e a essência do homem dentro da perspectiva personalista criada por Emmanuel Mounier, cuja teoria foi totalmente embasada, a partir de sua história de vida, onde desde a infância buscava em suas meditações o sentido verdadeiro da vida, um homem que na busca de um mundo melhor e mais humano. Criou uma teoria onde o homem não fosse visto como objeto ou meio para alguma finalidade, mas que fosse o centro, não em uma abordagem de adoração à pessoa humana, ou antropocêntrica, mas sim uma filosofia que busca compreender a sociedade como um todo e que coloca sentido na dignidade da pessoa humana.

Sem sombras de dúvida sua filosofia debate e combate algumas filosofias e ideologias contemporâneas em contextos que tratam da essência do homem utilizando-o como um meio para a realização de um pensamento egoísta e que não alcança a sociedade como um todo, dentre as quais, a ideologia de gênero, o subjetivismo, e combatendo também o que era a primeira intenção de Mounier, o individualismo exacerbado.

Mounier demonstra em seu pensamento as constituições intrínsecas do homem como a vocação, a comunicação e a encarnação, que, quando compreendidas adequadamente, levam o homem ao despojamento de si e respectivamente levam-no a encontrar o sentido em sua encarnação, e neste sentido, o abre à transcendência fazendo-o a descobrir a beleza contida em si e compreendendo o seu existir.

A partir da transcendência, desta relação com o Divino, o homem encontra o seu sentido que se dá no sair de si, visando realizar o bem estritamente na sociedade na qual está instalado.

Com a realização desse bem na sociedade levando sempre em consideração a sua materialidade, de onde se origina a sua transcendência, e assim alcançando a compreensão de sua totalidade.

Em sua totalidade, a pessoa na filosofia Mounieriana não pode ser conceituada, como algo fechado, concluído, pois isso empobrece sua riqueza, a constituição de pessoa humana vai além da razão humana, pois a pessoa além de matéria é também espírito, a pessoa surge de Deus e tem como fim último

Deus, a pessoa humana é rica em subjetividade, a pessoa humana detêm sua individualidade.

Este trabalho teve como principal objetivo, procurar responder a problemática da existência humana em relação à sua essência, resposta esta encontrada naquilo do que a pessoa humana é constituída, isto é, matéria e espírito, na matéria onde o espírito se encarna e que é a porta de abertura para a transcendência, a relação com o divino, e a partir desta relação a interação com o meio no qual ela está inserida transformando-o em um ambiente de melhor de convívio, dando a devida importância à pessoa humana.

Por traduzir um pensamento cristão que a Igreja Católica assimila, termino este trabalho com um parágrafo do Catecismo da Igreja Católica que resume bem o sentido desta relação que é a transcendência: O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para si e só em Deus é que o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que procura sem descanso: a mãe mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à comunhão com Deus (Cf. CIC §27).

5. BIBLIOGRAFIA

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CHAIGNE, H. *Que é o personalismo*. In: DOMENACH, J-M. et al. (Org.). Presença de Mounier. Tradução de Maria Lúcia Moreira. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

MOIX, C. *O pensamento de Emmanuel Mounier*. Tradução de Frei Marcelo L.Simões. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

MONDIN, B. *O homem quem é ele?*. São Paulo: Paulus, 1980.

MOUNIER, E. *Le personnalisme*, PUF, col. Que-sais-je ? Paris, 1949.

MOUNIER, E. *Mounier et sagénerération (Correspondência, anotações e inéditos)*. Deuil, col. Esprit: Paris, 1956.

MOUNIER, E. *O Compromisso da fé*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

MOUNIER, E. *O personalismo*. Martins Fontes. São Paulo, 1964.

MOUNIER, E. *O personalismo*. Tradução de João Bérnard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1964.

MOUNIER, E. *Obras completas*. Traducción de Juan Carlos Vila et al. Salamanca, España: Sígueme, 1992. tomo I.

MOUNIER, E. *Révolution personnaliste et communautaire*. Paris : Éditions du Seuil, 1966.

NOGARE, Pedro D. *Humanismos e Anti-humanismos*. Petrópolis: Vozes, 1977.

REALE, Giovanni; ANTISERI Dario. História da Filosofia Vol. III. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

SEVERINO, A. J. *A antropologia personalista de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Saraiva, 1974.

SEVERINO, A. J. *Pessoa e existência: iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1983.